

XIV Congresso Brasileiro de Sociologia – 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ)

GT: Sociologia da Cultura

Economia simbólica das edições: os usos sociais da literatura infantil e juvenil

Andréa Borges Leão – Universidade Federal do Ceará

1. Por uma sociologia comparada das edições

Proponho análise da história cultural e sociologia comparada dos livros de ficção destinados às crianças e jovens brasileiros, considerando as permanências e rupturas nas práticas da escrita, tradução, adaptação e publicação. A perspectiva adotada vincula a constituição e recriação dos gêneros textuais à organização e amadurecimento de um mercado específico de edições. Para tanto, enfoca dois ciclos de publicações das adaptações dos clássicos franceses Júlio Verne e de Sophie de Ségur, no gênero viagens e aventuras: a Biblioteca Garnier (1858 - 1920) e as Coleções das Edições de Ouro, hoje Ediouro, (1970 - 2000). O *corpus* documental proposto corresponde a economias simbólicas das edições, ora submetidas à lógica das demandas sociais, dos usos da literatura nas escolas; ora inaugurando uma lógica da oferta, que cria novos nichos de recepção e confere amadurecimento e autonomia ao campo literário infantil e juvenil brasileiro¹.

Pensar as passagens, traduções e adaptações, da literatura infantil francesa para a brasileira, considerando as várias noções que cada uma assume no curso da história de suas formações, implica enfrentar o problema inicial das demarcações de fronteiras temporais — o estabelecimento de um calendário para as origens do gênero —, e estéticas — os critérios do que é ou não ficção para crianças. Do ponto de vista dos estudos literários, o desenvolvimento de uma noção de literatura para crianças e jovens no Brasil só foi possível aproximando, quando não reduzindo, o aparecimento do gênero à formação da nação. Este é o caso da invenção da literatura infantil reivindicada por Monteiro Lobato, em inícios do século XX, e assumida, ainda hoje, por boa parte da crítica especializada². De outro modo, na história literária francesa prevaleceu a associação entre ficção, modelos de educação moral, cristã ou universal, e a pura e simples distração. Esta marca de formação, desvinculada das obrigações com a pátria e, mesmo antes, com a corte, visto que as apropriações dos contos setecentistas de Charles Perrault e da Mme

¹ Campo literário, espaço social de posições objetivas, é tomado aqui na formulação de Pierre Bourdieu, 2002.

² Consultar: Zilberman e Lajolo, 1991.

d'Aulnoy foram muito além das festas e diversões de Verssailles, durante o reinado de Luis XIV, nos leva à compreensão dos usos e longas permanências dos clássicos franceses em diversas tradições nacionais, em especial na brasileira.

Para o estudo da constituição do campo de nossa ficção para crianças e jovens, faz-se necessário colocar questões a este calendário e sistema de demarcações. Começando pelo inventário dos livros que inicialmente foram oferecidos ao público infantil e que acabaram constituindo nossa tradição, a partir de meados do século XIX. A maioria deles era de originais franceses ou de traduções para o português de Portugal e do Brasil. Na segunda metade do século XX, toma fôlego um mercado de adaptações e recriações, como uma estratégia para manter vivo o interesse das novas gerações de leitores pelos livros e matrizes culturais européias.

As transferências literárias da França para o Brasil, no entanto, jamais se deram entre iguais e, por isso, colocam não poucos problemas à análise. O principal deles é a evidente assimetria entre os dois espaços culturais, um central e dominante, do ponto de vista da acumulação de um capital específico, o outro periférico e dominado³, no que diz respeito à incipiência deste mesmo capital.

Impõe-se, então, a hipótese de uma dominação paradoxal que não reduz a difusão da literatura juvenil francesa para os países da América do Sul e, em consequência, os empréstimos, a um caso de pura e simples colonização cultural, uma vez que foi o comércio dos clássicos franceses que abriu caminho para a constituição de nossa literatura infantil como um gênero autônomo. Com este argumento, o estudo do campo literário não se encerra nas abordagens centradas exclusivamente nos textos e em seus autores e, muito menos, em valorações da crítica que buscam motivos e identidades nacionais nos romances e contos como critérios para o “verdadeiramente ficcional”. O espaço singular das obras, ainda que visto em configurações históricas específicas, não é independente da produção e comercialização dos livros e, portanto, das estratégias e interesses, concorrências e lutas de

³ De acordo com o esquema interpretativo de Pacale Casanova, 2002.

representações dos agentes sociais — escritores, editores, livreiros, críticos e, até mesmo, dos mais anônimos dos leitores.

Colocar questões ao calendário e critérios de fundação da literatura infantil brasileira significa deslocar os dados do problema e considerar os regimes editoriais que possibilitaram a circulação internacional das obras e que tornaram possíveis os usos sociais de uma mesma literatura em diversas tradições culturais.

Nesta perspectiva, os livros de literatura infantil não se distinguem exclusivamente pela marca de seus autores, quer dizer, pela afirmação dos nomes e das funções daqueles que assinam os textos e as imagens. Nesse gênero de impressos, que, ao lado dos jogos e brinquedos, são os mais importantes objetos culturais da infância, impõe-se o trabalho de organização e aproximação de textos que, uns ao lado dos outros, formam as coleções ou bibliotecas, justificando a oferta sob o argumento de que possuem atributos, formais e morais, que os distinguem como destinados ao público leitor em formação. A boa adequação às faixas etárias e a garantia da seqüência na leitura — ao acabar um livro da coleção as crianças logo iniciam a leitura de um outro —, resultam do trabalho editorial de seleção, classificação e distribuição das obras em categorias e séries. A lógica das coleções de livros infantis, em primeiro lugar, opera uma previsão dos leitores e dos espaços de leitura. Uma coleção de livros pode ser destinada ao uso escolar ou doméstico. Ambas as situações e práticas de leitura produzem conhecimentos e sonhos, estimulam a apreciação estética e constroem identidades.

Outra marca das coleções é a apresentação da biografia e do trabalho pedagógico dos agentes preocupados com o vocabulário e o senso moral das crianças e que têm a responsabilidade de separar a leitura adulta da leitura infantil, como os escritores - tradutores e os professores. O exame dos princípios de formação das coleções de livros infantis e juvenis é caminho promissor para a construção da história cultural do gênero, principalmente se relacionada à gênese da rede de empresas que estruturam essa produção cultural.

Nesta perspectiva, a comunicação propõe uma renovação das fontes documentais de que lança mão a historiografia literária, considerando um método de análise pautado na sociologia e na história editorial, examinando os

catálogos dos editores e acompanhando o circuito de produção dos livros em suas publicações originais e nas traduções e adaptações, tomando-os como suportes das práticas e estratégias de autores e editores.

O estudo da organização de um conjunto de obras no lugar da investigação da fortuna literária de um único autor — que acaba apoiando-se no reconhecimento do talento e do ineditismo do escritor, caso de Monteiro Lobato —, oferece pistas para a compreensão do bom envelhecimento de clássicos do patrimônio universal e do movimento de suas trocas internacionais. A longevidade e a permanência no catálogo das editoras brasileiras das adaptações, atualizações e recriações de obras estrangeiras, caídas em domínio público em seus países de origem, como os famosos *Robinson Crusoé*, *D. Quixote*, *Peter Pan*, *Alice no país das maravilhas*, e as obras dos escritores franceses Júlio Verne e Sophie de Ségur, objetos da análise, revelam estratégias de publicação que vão além da preocupação com a representação literária da nação e demonstram afinidades no gosto e nas identificações de leitores socializados e educados em matrizes culturais diversas.

1. Dois casos ilustrativos

1.1 As traduções literárias na Biblioteca Infantil Garnier

A Biblioteca de Educação e Recreação Moral do editor Pierre-Jules Hetzel, que traz a série das 62 viagens extraordinárias de Júlio Verne, é ilustrativa da mutação, no mercado do livro juvenil francês do século XIX, de uma lógica da demanda social, em atendimento à Igreja católica e à escola, para uma moderna lógica da oferta, a exemplo da especialização do trabalho de edição, com a contratação de escritores e profissionais da ilustração, do investimento na difusão massiva e na expansão dos livros de literatura para os países da América do Sul.

A trajetória do editor Pierre-Jules Hetzel acompanha a modernização e industrialização do sistema editorial francês e foi decisiva para o início do mercado de livros juvenis no Brasil. Hetzel foi o criador do periódico ilustrado *Magasin d'Éducation et de Récréation*, cujo primeiro número foi publicado no dia 20 de março de 1864, e que permanece nos anais da livraria francesa por

ter lançado em suas páginas as pré-edições, em folhetins, dos romances de Júlio Verne. *Cinco semanas em um balão*, *A viagem ao centro da terra* e *Da terra a lua*, entre os mais famosos livros do escritor, foram lidos antes no *Magasin*. A aposta de maior risco do editor, entretanto, foi a difusão de sua Biblioteca de Educação e Recreação Moral para os países da América do Sul. No Brasil, o livreiro-editor Baptiste-Louis Garnier, instalado no Rio de Janeiro desde 1844⁴, serviu de entreposto comercial para a venda das coleções de clássicos juvenis franceses, atraindo para o catálogo da casa tanto os originais de Júlio Verne, quanto traduções feitas por autores brasileiros. Garnier especializara-se no negócio do livro importado e foi o introdutor, em grande escala, da literatura infantil e juvenil francesa no Brasil. Este movimento foi decisivo para a acumulação de um capital literário inicial necessário à autonomização da literatura infantil e juvenil brasileira, tanto no que diz respeito aos modelos literários oferecidos e apropriados, como no que concerne a um mercado de trabalho para os escritores e professores, o da tradução.

Na França, o programa editorial do *Magasin* e da Biblioteca de Educação e Recreação Moral da Sociedade J. Hetzel visava a formar um público de leitores em família (composto de pais e filhos), ao mesmo tempo em que se voltava para a difusão de conhecimentos científicos e dos valores do progresso por meio de romances de formação moral. O escolhido para implementar o projeto foi o escritor Júlio Verne, que já era diretor de literatura do *Magasin*.

Olavo Bilac (1996), em 1907, dois anos após a morte de Júlio Verne, publica uma crônica na qual recorda os usos que fazia do autor francês na sala de aula. As viagens extraordinárias de Verne, conta o poeta, eram lidas sorrateiramente, nos intervalos das aulas, e jamais compuseram os programas de geografia ou de história. As invenções de Verne não poderiam ser classificadas como ciência. Apesar de Júlio Verne não ter sido acolhido nos colégios imperiais brasileiros, em fins do século XIX, as publicações de suas primeiras traduções para o português tornava-o referência para a formação literária de jovens leitores apaixonados pelos clássicos europeus.

⁴ A respeito das coleções infantis de Baptiste-Louis Garnier, consultar: Leão, Andréa, 2006.

Enquanto a escola rejeitava-o vários títulos do autor compunham as coleções de livros juvenis organizadas pelas editoras portuguesas e franco-brasileiras e eram oferecidos para o consumo das famílias criando, assim, um mercado para a literatura juvenil no Brasil fora da prática estritamente escolar da leitura. Nesse movimento, destacam-se a Biblioteca das Viagens Maravilhosas aos Mundos Conhecidos e Desconhecidos, do editor português David Corazzi, e a Coleção de Viagens, da Livraria Garnier.

É longa a carreira editorial de Júlio Verne no Brasil. No original francês, Baptiste Louis Garnier colocava a venda, na medida em que eram publicados, os volumes da Biblioteca de Educação e Recreação, de Pierre Jules Hetzel, livros importados diretamente da matriz parisiense. Em 1875, o livreiro publica uma primeira tradução de *O Chancellor. Diário do passageiro J. R. Kazallon Martin Paz*. Em 1876, sai *A Ilha misteriosa – O Segredo da Ilha*, em tradução de Fantasio, que podia ser tanto um pseudônimo de Joaquim Carlos Travassos ou do poeta simbolista Guimarães Passos. No catálogo da editora para esse mesmo ano, havia ainda 16 títulos de Verne *Os Filhos do Capitão Grant, Ao Redor da lua, Da terra à lua, Cinco semanas em um balão, Viagem ao centro da terra, Viagens e aventuras do Capitão Hatteras*, entre outros. Em 1881, no mesmo ano do lançamento na França, os brasileiros ávidos pelo Rio Amazonas e as histórias das viagens ao Norte do Brasil, podiam ler a primeira parte do romance *A Jangada, – oitocentas léguas pelo Amazonas*, em tradução de J. M. Vaz Pinto. Em 1882, continuava-se a leitura na seqüência da segunda metade da história. No catálogo para o ano de 1883, encontramos mais uma tradução de J. M. Vaz Pinto Coelho do livro *Os viajantes do século XIX*.

O exame dos documentos da livraria carioca de Baptiste Louis Garnier nos chama a atenção para as relações comerciais entre o francês e o editor de Verne em Paris, Pierre Jules Hetzel, que, por sua vez, tinha todo o interesse e cuidado na expansão de seus negócios para a América do Sul, como bem aponta Jean-Yves Mollier (1988, 2001). No livro *Doutor Ox*, traduzido por Salvador de Mendonça, Garnier publica um pequeno texto intitulado “Advertência do Editor”, escrito pelo próprio Hetzel. O editor francês justifica aos leitores brasileiros a presença na coleção Viagens Extraordinárias das narrativas de excursão aos Alpes franceses escritas por Paulo Verne, irmão do célebre romancista: “Deste conjuncto resulta um volume cujos elementos são

variadíssimos, misto de concepções reais, phantásticas e imaginárias, que esperamos que os leitores acolham benevolmente”⁵. Assim, Hetzel apresentava as montanhas francesas aos jovens leitores brasileiros já apaixonados pelas traduções dos clássicos europeus .

Júlio Verne também fez parte das coleções do editor lisboeta David Corazzi. Os livros vindos de Portugal, em que pesem sua aceitação e sucesso comercial, eram visto pelos livreiros-editores brasileiros com maus olhos, uma vez que esses profissionais estavam empenhados na nacionalização do livro.

Ora, as operações de tradução que orientam a passagem dos textos de um espaço nacional a outro não são meras trocas lingüísticas que se equivalem. As traduções são exercícios de relações específicas de dominação entre diversos agentes e instituições, configurando desigualmente um campo literário internacional, esclarece Pascale Casanova (2002). O mundo do livro produz seus sistemas de classificações e hierarquias de valores os quais, de acordo com Gustavo Sorá (2003, p. 53), sustentam-se “através de uma forma particular de dominação simbólica transmitida pela identificação da literatura aos sistemas nacionais e pela construção literária de estilos para pensar a nação e seu lugar no mundo”⁶. A literatura, continua o sociólogo, é “reconhecida como nacional por definição e é necessariamente internacional por condição” (2003, p. 53).

Ainda que os romances de Júlio Verne tenham dado início a um processo de acumulação de capital literário necessário à organização e autonomização da literatura infantil e juvenil brasileira – seus livros vinham de uma nação literária mais antiga e mais bem dotada, detentora de clássicos reconhecidos universalmente⁷ – era necessário marcar distinção, sobretudo com as edições portuguesas. Em inícios do século XX, a Livraria carioca Francisco Alves forma, com a tradução brasileira da obra de Júlio Verne, sua coleção de Viagens Maravilhosas.

Como parte da série das 62 Viagens Extraordinárias do autor, que abarcam aventuras pelo mundo inteiro, destacam-se quatro livros que trazem aventuras ambientadas na América do Sul: *O Chancellor* (1875), *A Jangada* -

⁵ Advertência do Editor, in: VERNE, Júlio. *Dr. Ox*. Tradução de Salvador de Mendonça. B. L. Garnier Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 18 ... s/d.

⁶ Neste estudo, Gustavo Sorá trata das traduções dos livros brasileiros na Argentina.

⁷ Sobre o assunto, consultar: Casanova, 2002.

800 léguas pelo Amazonas (1881), *O soberbo Orinoco* (1898) e *O farol do fim do mundo* (1905). Neles, as navegações, os naufrágios e as lições de sobrevivência no estilo Robinson Crusóé possibilitam tramas repletas de descrições geográficas, de sistemas de classificações e comparações raciais entre os personagens.

Não faltavam fontes de trabalho e inspiração para a dupla Verne-Hetzel. A França oitocentista conheceu uma forte atração pela América tropical, em boa medida pelo sucesso dos livros de viagens. As narrativas com as observações sobre a vida e os costumes de índios e negros americanos, construídos como os “homens selvagens”, despertavam curiosidades por temas que na época causavam forte efeito social. Os danos da colonização, episódios da história das ex-colônias espanholas e portuguesas, o debate religioso no seio do cristianismo quase sempre envolvendo as crenças e a vigência das práticas do canibalismo, a escravidão do índio e do negro, a inevitável mestiçagem e os processos de independência, constituíam atualidades que não se encerravam nos debates das associações científicas e, por isso, conferiam ampla publicidade aos relatos das expedições. O sucesso dos livros das viagens modernas ao Brasil, entre as mais conhecidas as de Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis e Louis Agassiz, poderosas fonte de inspiração e consulta de Júlio Verne, foi emblemático da onda romântica das edições novomundistas. Sem esquecer as viagens sul-americanas de Alexander von Humbold e Élisée Reclus. Estes livros ultrapassavam a intenção de seus autores, que era a de narrar o encontro com as alteridades não européias e difundir novos conhecimentos naturais. Eles também eram lidos como guias práticos de orientação, verdadeiras lições de vida e sobrevivência nos trópicos. Nesta perspectiva, uma rede de conhecimentos sobre o Brasil vinha de par a um projeto de expansão da livraria e edição francesas pelos países da América do Sul. O empreendimento visava tanto à educação e recreação moral dos jovens europeus, por meio do conhecimento das alteridades americanas (colonos portugueses e espanhóis, índios e negros), como à conquista de um novo público de jovens leitores no Novo Mundo. Afinal, o homem americano deveria constituir-se pela cultura e pela educação. Ou melhor, a fim de corresponder aos objetivos das Viagens Extraordinárias publicadas por Pierre-Jules Hetzel e vendidas na Livraria Garnier, o homem

americano deveria ser familiar ao jovem leitor francês. Daí o recurso ficcional, típico da obra verniana, aos personagens de identidades fronteiriças, às lições geográficas sobre terras longínquas, às misturas étnicas e a boa relação com o homem selvagem, como vetores de aproximação da cultura e da civilização européias.

O trabalho de tradução, que foi um abre-te sésamo do mundo do livro infantil e juvenil, deve muito ao professor do colégio Pedro II, Carlos Jansen, bem como ao escritor Figueiredo Pimentel. O primeiro foi responsável por toda a coleção da Biblioteca da Juventude da Editora Laemmert; o segundo foi um dos protagonistas da nacionalização do livro infantil no Brasil. O fato é que as adaptações das obras de Júlio Verne, Cervantes e Alexandre Dumas, de Swift, La Fontaine, os contos de Grimm, Perrault e Andersen compunham a maior parte das leituras de crianças e jovens. Esse público lia os contos das *Mil e uma Noites*, prefaciados por Machado de Assis, as muitas edições do *Robinson Crusoé*, das *Viagens de Gúliwer*, e do *D. Quixote de La Mancha*, redigidas e contadas por Carlos Jansen⁸.

É ainda marcante a presença de Verne na imprensa infantil brasileira, a exemplo da seção Viagens e Aventuras do Semanário ilustrado *O Tico-Tico*, evidenciando-se uma lógica para as adaptações: disfarçar os conhecimentos difundidos pelo autor em brincadeira, na forma de histórias em quadrinhos.

Nos anos setenta, a gráfica Tecnoprint e as Edições de Ouro, antecessoras do grupo Ediouro de comunicações, passam a publicar em pequenos formatos os romances de Verne nas coleções Calouro e Elefante, com traduções e adaptações de Marques Rebelo e Carlos Heitor Cony, destinada aos jovens de até 17 anos. Vale frisar que os livros do autor permanecem no catálogo da Ediouro até hoje.

1.2 As adaptações nas coleções das Edições de Ouro

É igualmente longa a história editorial dos livros de Sophie de Ségur, a Condessa de Ségur, no Brasil. Em fins do século XIX, eram vendidos no original francês pela livraria Garnier. Em Paris, os editores da Aillaud publicam,

⁸ Anúncio da Bibliotheca da Juventude da Livraria Laemmert, publicado no jornal carioca *O Malho* de 27 de setembro de 1902.

em 1872, a tradução portuguesa do romance *Que amor de criança*, que entregam aos Lallemand Frères, de Lisboa e, em 1874, enviam a São Paulo *Os desastres de Sofia* e *As meninas exemplares* (Renonciat, 2001, p. 220). A trilogia composta pelos livros *Os desastres de Sofia*, *As meninas exemplares* e *As férias*, teve sua primeira tradução brasileira a cargo da livraria Francisco Alves, em inícios do século XX. Esta empresa, já tendo incorporado os fundos da livraria parisiense Aillaud, adquire da Editora Hachette os direitos de tradução da Biblioteca Rosa Ilustrada. Anos após, aparecem as versões de Arnaldo Oliveira Barreto e de Miriam Gaspar de Almeida para a Biblioteca Infantil da Editora Melhoramentos. Em seguida, surgem as adaptações da professora paulista Virgínia Silva Lefèvre e de Sônia Maria Penteado Piza, para a Editora do Brasil. David Jardim Júnior inaugura a obra seguriana na Biblioteca Infantil de Ouro das Edições de Ouro, da então chamada Gráfica Tecnoprint. Marita Lima, no Rio de Janeiro, adapta o livro *O Albergue do anjo da guarda*, para a Editora Scala na Coleção Madrigal, em fins dos anos sessenta. Somente na década de setenta, a obra da Condessa de Ségur ganha maior estabilidade com as recriações de Herberto Sales, até hoje mantidas no catálogo da Ediouro.

A carreira internacional da Condessa de Ségur em muito se beneficiou da atração que a cultura francesa exercia sobre os intelectuais dos outros países da Europa, assim como os da América. De acordo com Isabel Vila Maior (2001, p. 248), é nesse quadro que aparecem as primeiras traduções da autora em Portugal, que ficam a cargo das casas francesas instaladas em Lisboa, como a Aillaud e Bertrand.

É interessante notar que, no Brasil, as adaptações surgem depois dos anos trinta, quando a Biblioteca Rosa Ilustrada, da Editora Louis Hachette, perde a exclusividade de reedição dos vinte contos e romances da Condessa. Quer dizer, a partir dessa data a obra da autora cai em domínio público, ficando, desse modo, mais fácil com ela compor as coleções de clássicos infantis.

A partir dos anos setenta, os títulos da Condessa publicados pela Tecnoprint na coleção Calouro e, em formato menor, na Coleção Baleia Bacana são: *A desastrada Sofia* ou *Os desastres de Sofia*; *As meninas modelares* ou *As meninas exemplares*; *As férias*; *Memórias de um burro*; *João*

que chora, João que ri; O bom diabinho ou O bom capeta; O General Dourakine e A morada do Anjo da guarda.

Uma linha constante na longa trajetória e extenso catálogo da antiga Gráfica Tecnoprint é a publicação dos clássicos da literatura brasileira e universal, com a captação de títulos já caídos em domínio público. Gustavo Sorá (1997, p. 156) nos lembra que a Ediouro, ao longo de sua história, foi uma das editoras brasileiras de grande porte — leia-se grande volume de vendas — que se situam no limite das empresas de vulgarização e de curto ciclo de vida. Essas empresas têm como marca distintiva a orientação para investimentos de curto prazo com retornos financeiros relativamente imediatos e garantidos. Elas são o oposto das empresas culturais, que investem nos riscos das apostas de retorno em longos prazos. Os dois esquemas distintivos, domínios de lógicas exclusivamente econômicas ou simbólicas, encontram correspondência na escolha dos autores e dos títulos a publicar e, em consequência, na previsão do público.

No entanto, é na posição das altas consagrações conquistadas no curso da história editorial francesa, erigidas ao cânone de clássicos universais da literatura infantil e juvenil, que as obras da Condessa de Ségur e de Julio Verne entram para as Coleções Calouro e Elefante, e para o selo Edições de Ouro. Desse modo, as fortunas seguriana e verniana são definidas na relação entre as lógicas econômica e simbólica.

Os protocolos presentes nos livros da Condessa, como as notas introdutórias e advertências dos editores, indicam a destinação para o uso escolar — portanto, a uma esfera da cultura legítima —, na pretensão de conciliar o aprendizado da língua com o prazer da leitura, a diversão com a instrução, nas recriações de autores de reconhecida excelência, como Herberto Sales. Mas, isso não impede a inserção da coleção nas estratégias de venda massiva, como atestam, a partir dos anos setenta, os baixos preços de capa e a padronização técnica dos livros de Ségur e Verne, marcas dos *best Sellers*, e em consequência, de uma lógica da oferta.

Construir os sentidos pretendidos pela ficção da Condessa de Ségur ou atribuídos pelas suas comunidades de leitura, que se forjaram no correr de mais de um século de publicação, tradução e adaptação nas mais diversas línguas, é tarefa desafiadora. Em primeiro lugar, Sophie de Ségur concebeu

seus romances e leitores em um universo social e cultural há muito desaparecido, o século XIX francês, mas que insiste em sobreviver e atualizar-se, levando seus críticos e estudiosos à unanimidade em afirmar que os livros da Condessa “continuam a sobreviver a um mundo desaparecido” (Nières-Chevrel, 2001, p. 7).

A obra da Condessa de Ségur ocupa lugar de honra na história editorial francesa. Os contos e romances de Sophie de Ségur são inicialmente publicados em folhetins na revista *Semaine des enfants*. Em 1857, a Livraria Hachette organiza-os em uma coleção, a Biblioteca Rosa Ilustrada e, a partir dela, inaugura um novo sistema comercial de distribuição de livros — a venda nos quiosques das estações de trens. Sophie escrevia sob a demanda dos editores.. Suas estratégias narrativas coincidiam com as estratégias editoriais de Émile Templier e Louis Hachette. Os dois pólos da produção portavam o mesmo projeto pedagógico que se configurava entre a nostalgia do velho regime e o fascínio pelas novidades vindas com a ordem social burguesa.

Os romances da Condessa compõem-se de histórias que falam das relações no universo familiar e que fixam modelos e contra-modelos de infância, passando pelas brincadeiras, travessuras e rivalidades entre irmãos e primos, com temas sobre a orfandade e o acolhimento, a piedade religiosa e os salões mundanos, entre outros fatos e lições da rotina nos velhos castelos europeus. As histórias são ambientadas no chateau de Fleurville, durante as férias escolares dos primos Sofia, Camila, Madalena e Paulo, sempre acompanhados de suas mães Madame de Réan, Madame de Fleurville e Madame D’Aubert, além dos empregados — os cozinheiros, os jardineiros e as *bonnes*. Mais parecem fábulas morais. Na verdade, as histórias da Condessa apresentam uma proposta de formação dos valores e de educação sentimental das crianças.

Suas netas, Camille e Madaleine de Malaret, estão na origem da criação dos personagens. A elas, a Condessa dedica *As meninas exemplares*, o segundo volume da sua famosa trilogia. Mas as bonecas de porcelana e de cera também servem como modelos para as heroínas. O primeiro livro da trilogia, *Les malheurs de Sophie* — no Brasil com os títulos de *A desastrada Sofia* e *Os desastres de Sofia* — é dedicado a sua netinha Elizabeth Fresneau. A personagem Sofia inaugura um tipo literário que na cultura francesa é

chamado *l'enfant diable* e que, entre nós, significa a criança levada, desobediente e brincalhona, que desafia riscos e testa os limites. As aventuras de Sofia giram em torno de uma heroína transgressiva, meio glutona, que rouba frutas do pomar, derrete a boneca de cera no calor do sol, cria confusão e provoca brigas e pancadas entre os companheiros. No primeiro livro, sua mãe está sempre disposta a perdoar; a partir do segundo, a heroína fica órfã e ganha uma madrasta mesquinha e vingativa.

Sofia é contemporânea da heroína Alice, de *Alice no país das maravilhas*, e um pouco mais velha que a personagem Emília, de Monteiro Lobato. Durante muitos anos, *Os desastres de Sofia* foi o livro preferido das crianças, na França e no exterior, como atestam as suas inúmeras traduções e adaptações.

Sophie de Ségur fazia dos netos o primeiro comitê de leitura. A eles, dedicava uma leitura em voz alta dos manuscritos antes da entrega aos editores. Para Jean-Yves Mollier (2201), o percurso editorial da obra seguriana não pode ser visto fora da configuração política e judicial do Segundo Império, que impunha ao negócio do livro uma rígida censura prévia à publicação. As próprias companhias ferroviárias acompanhavam de perto o movimento e o conteúdo do que era vendido nas butiques das *gares*, a direção das companhias encomendava aos funcionários a elaboração de relatórios detalhados sobre as coleções. Nessa economia do controle o que porventura ferisse os ouvidos cristãos jamais entraria em um volume destinado às crianças.

A partir dos anos setenta, os títulos da Condessa publicados pela Tecnoprint na coleção Calouro e, em formato menor, na Coleção Baleia Bacana são: *A desastrada Sofia* ou *Os desastres de Sofia*; *As meninas modelares* ou *As meninas exemplares*; *As férias*; *Memórias de um burro*; *João que chora*, *João que ri*; *O bom diabinho* ou *O bom capeta*; *O General Dourakine* e *A morada do Anjo da guarda*.

Os protocolos presentes em cada livro da coleção, como as notas introdutórias e advertências dos editores, indicam a destinação para o uso escolar — portanto, a uma esfera da cultura legítima —, na pretensão de conciliar o aprendizado da língua com o prazer da leitura, a diversão com a instrução, nas recriações de autores de reconhecida excelência, como Herberto

Sales. Mas, isso não impede a inserção da coleção nas estratégias de venda massiva, como atestam os baixos preços de capa e a padronização técnica de cada livro da coleção, marcas dos *best sellers*.

Assim, apresentava-se a Calouro:

Coleção Calouro (Cultura de Ouro para a juventude). As maiores obras da literatura universal reescritas por grandes escritores brasileiros como Adonias Filho, Paulo Mendes Campos, Herberto Sales, Carlos Heitor Cony, Orígenes Lessa, Miécio Táci, Maria Clara Machado, Stella Leonardos, Marques Rebelo e muitos outros⁹.

Em seguida, os editores listavam as obras que compunham a coleção, justificando um princípio organizador, autores clássicos da literatura oferecidos à leitura infantil e juvenil, ao mesmo tempo em que esclareciam a escolha da trilogia da Condessa de Ségur:

A cabana do Pai Tomás; A cabeça de Medusa (lendas gregas); A Eneida de Virgílio; A Ilha do Coral; A Ilha do Tesouro; A Ilíada de Homero; Alegres aventuras de Robin Hood; Alice no país das maravilhas; A máquina do tempo; A metamorfose; A morte de Ivan Ilitch; A noiva ou o tigre?; A Odisséia de Homero; As férias; As filhas do Dr. March; As meninas exemplares; As minas de Salomão; A tulipa negra; As aventuras de Huck; Aventuras de Tom Sawyer; Aventuras do Barão de Münchhausen; A volta ao mundo em 80 dias; Bambi; Chamado Selvagem, entre outros volumes.

Sofia, a desastrada, foi selecionada para a Coleção Calouro por que: Toda a obra da autora merece ser lida e merece ser recomendada porque continua divertida e interessante até hoje; este volume juntamente com As meninas exemplares e As férias, forma uma trilogia. Sofia aparece nas três obras¹⁰.

⁹ *Sofia, a desastrada*, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S. A, 1970.

¹⁰ *Sofia, a desastrada*, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S. A, 1970.

Além de Sophie de Ségur, com textos em português de Herberto Sales, havia ainda na coleção Balzac, Alphonse Daudet e Dante, com tradução e adaptação de Marques Rebelo, Théophile Gautier, na versão de Rachel de Queirós, Beaumarchais, com texto de Cora Rónai Vieira e Paulo Rónai, Thomas Hardy, na recriação de Octávio de Faria, Tove Jansson, por Carlos Heitor Cony e Astri Lindgren, recontada por Lúcia Machado de Almeida¹¹.

O selo Edições de Ouro, no qual se inscrevia a Calouro, oferecia ainda outras coleções de clássicos para crianças: a Elefante, que incluía livros escritos por autores brasileiros, como Orígenes Lessa, Ganymédes José, Carlos Heitor Cony, Menotti Del Picchia e Pedro Bloch e a Baleia Bacana, composta também com a obra da Condessa.

Um princípio de formação das coleções é a garantia da leitura seqüenciada, o que explica a diversidade de gêneros e aparente dispersão na escolha dos títulos para a composição do conjunto. Na advertência aos leitores do livro *Sofia, a desastrada*, lê-se: “ ... Embora possam ser lidos independentemente, a leitura seqüenciada dos três (volumes da trilogia) é indispensável para a sua melhor compreensão. Integram, agora, a Coleção Calouro, em livres adaptações do romancista Herberto Sales.”

Cada livro traz, na primeira página de rosto —, são várias páginas com informações técnicas —, a imagem estilizada da Condessa, e na próxima, comenta “a vida da autora”, que são dados de sua biografia, com o elogio dos editores: “A obra da Condessa de Ségur figura entre as mais importantes da literatura infantil. Suas histórias têm encantado gerações não só pela beleza de seus conteúdos como pelo elevado ensinamento moral que encerram”.

Uma outra marca das coleções, já apontada páginas atrás, é a apresentação da biografia e do trabalho pedagógico dos agentes preocupados com o vocabulário e o senso moral das crianças e que têm a responsabilidade de separar a leitura adulta da leitura infantil, como os adaptadores e os professores.

O livro *Memórias de um burro brasileiro*, uma recriação “à nacional” que Herberto fez de *Memórias de um burro*, da Condessa de Ségur, e incluído na Coleção Calouro entre os clássicos da escritora, encontramos o seguinte aviso

¹¹ Idem, 1970.

dos editores: “seleção e preparação do vocabulário pela equipe de professores coordenada por Betty Zimmerman”. Afinal, os jogos de decifração e de interpretação das palavras, as buscas dos sinônimos, fazem parte do saber escolar.

Esta equipe foi convidada pela Direção da Empresa para a difícil tarefa de examinar o vocabulário de cada livro, procurar explicar o significado dos termos ao nível de compreensão dos alunos e fazer uma classificação dos diversos livros de acordo com a idade dos presumíveis leitores¹².

Antes da história, há mais “Uma explicação” ao leitor sobre a originalidade do trabalho de Herberto Sales que, não se limitava a uma simples adaptação de “obras estrangeiras que vimos publicando nessa coleção”, mas assumia a grandeza de um “trabalho paralelo de criação”, baseado nas linhas gerais do livro original, “que usou como se fora uma mote”. Enfim, Os editores da Coleção Calouro recomendavam a leitura do livro pela originalidade de uma recriação literária:

Em suma, é um trabalho realizado na mesma linha das recriações de obras estrangeiras de literatura juvenil feitas por Monteiro Lobato. Esta a razão pela qual Herberto Sales passou a figurar, não apenas como adaptador, mas recriador e, por conseguinte, autor destas Memórias de um burro brasileiro¹³.

Até hoje as recriações de Herberto Sales da obra seguriana permanecem no catálogo da empresa. São vendidas e lidas por muitas crianças e adultos, em casa e nas escolas. Permanecem as aventuras passadas nos castelos, os modelos de bom comportamento e as punições, o desafio e o risco das travessuras de Sofia, assim como outros lances do aprendizado na vida doméstica. Uma pergunta se impõe: quais são as razões da longevidade dos clássicos da literatura infantil?

¹² *Memórias de um burro brasileiro*, 1970.

¹³ *Idem*.

Se os mundos criados pela Condessa de Ségur e por Júlio Verne ainda são capazes de nos falar e, sobretudo, de permanecer no universo cultural das crianças e jovens brasileiros, é por que de algum modo reconciliam-nos com o mundo do antigo regime europeu e, numa outra referência, nos mantêm ligados ao mundo da modernidade e dos progressos da ciência de finais do século XIX. Ambos provocaram inspiração na cultura literária brasileira.

Referências Bibliográficas

Bilac, Olavo. Júlio Verne. In: Prosa: Ironia e Piedade. Obra Reunida. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Bourdieu, Pierre. As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Casanova, Pascale. A República Mundial das Letras. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2002.

Consécration et accumulation de capital littéraire – la traduction comme échange inégal. In: Actes de la recherche en sciences sociales. 144, Septembre 2002.

Leão, Andréa. Universos da devoção, sabedoria e moral: As Bibliotecas Juvenis Garnier (1858 -1920). In: Educação em Revista, UFMG, Minas Gerais, 2006.

Mollier, Jean-Yves. Editer la Comtesse de Ségur ou les ruses de la raison policière. In: Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romancières de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

Nières- Chevrel, Isabelle (org.). Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Actes du colloque internacional La Comtesse de Ségur et les romancières de la Bibliothèque rose. Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

Renonciat, Annie. Fortune éditoriale de la Comtesse de Ségur (1857 – 1939). In: La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les

romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

Sales, Herberto. Memórias de um burro brasileiro. Obra baseada em “Memórias de um burro”, da Condessa de Ségur. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.

Sorá, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. In: Revista Mana, 151-181, 1997.

Verne, Júlio. A Jangada. 800 léguas pelo Amazonas. São Paulo: Planeta, 2003.

Vila Maior, Isabel. L'oeuvre de la Comtesse de Ségur au Portugal. In: Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

Zilberman, Regina e Lajolo, Marisa. Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias. São Paulo, Editora Ática, 1991.